

ofício cotidiano

OSCAR BERTHOLDO

Ao Itálico Marcon, depois da leitura de seu livro AVE DE RAPINA, com uma breve homenagem à sua espôsa Mariza.

*Ao entardecer, as lágrimas constroem
o amor, os pássaros regressam à casa
e há um eco de lembrança junto
à lâmpada como prece de criança.
Faço-me tímido e trago uma estrela
para a nostalgia dormente do mundo,
os meus braços desfazem sôbre o degrau
da porta as máscaras colhidas,
de dia. Necessito chegar
ao teu espaço de bênção,
e colhêr sôbre a mesa preparada
o hálito doce da ceia...
Talvez a ave de rapina repouse
sua ambição carregada de tédio,
talvez os teus olhos prenhes de maresia
acalentam-me recém-nascido.
Talvez desfralde os ventos assim
azuis em volta da noite em trânsito,
talvez prepare outra viagem
antes que se esgotem as colheitas.
Portas da noite, ó portas da noite
dai-me um cão doméstico de cuidar
minhas asas mutiladas de ontem.*

Bento Gonçalves, 28-3-71.